

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO

Thaís Miranda Santa Helena

ECONOMIA CIRCULAR E O MOVIMENTO *SLOW FASHION*:
Um estudo de caso da marca NATU.

Florianópolis

2018

Thaís Miranda Santa Helena

**ECONOMIA CIRCULAR E O MOVIMENTO *SLOW FASHION*:
Um estudo de caso da marca NATU.**

Trabalho de Curso apresentado à disciplina CAD 7305
como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel
em Administração pela Universidade Federal de Santa
Catarina.

Enfoque: Monográfico – Artigo

Área de concentração: sustentabilidade, economia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Abilio Bosquetti

Florianópolis

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santa Helena, Thaís Miranda

Economia circular e o movimento slow fashion : um
estudo de caso da marca NATU / Thaís Miranda Santa Helena ;
orientador, Marcos Abílio Bosquetti, 2018.
29 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio
Econômico, Graduação em Administração, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Administração. 2. Economia Circular. 3. Slow fashion.
4. Sustentabilidade. I. Bosquetti, Marcos Abílio. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Administração. III. Título.

Thaís Miranda Santa Helena

**A ECONOMIA CIRCULAR E O MOVIMENTO *SLOW FASHION*:
Um estudo de caso da marca NATU.**

Este Trabalho de Curso foi julgado adequado e aprovado na sua forma final pela Coordenadoria Trabalho de Curso do Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 21 de dezembro de 2018.

Prof^a. Márcia Barros de Sales, Dra.
Coordenador de Trabalho de Curso

Avaliadores:

Prof. Marcos Abilio Bosquetti, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Renata Heis, Dra.
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Renê Birochi, Dr.
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Construir uma pesquisa não é fácil. Tudo isso só foi possível essencialmente porque eu tenho pais maravilhosos! Agradeço imensamente por eles sempre terem acreditado em mim e terem dado todo suporte nessa aventura de sair da minha cidade natal para viver uma vida em Florianópolis. Além deles, agradeço muito minha amiga Ana Luiza por todo suporte nas dúvidas sobre elaboração e disposição para estar sempre disposta e as pessoas nas quais convivo e sempre me escutaram desabafos sobre meu TC. Também não posso esquecer de agradecer a Natália, que meio ao caos de seu trabalho se prontificou a me ajudar sendo meu estudo de caso!

Há mais de 40 anos, a demanda da humanidade sobre a Natureza ultrapassa a capacidade de reposição do planeta.

(PLANETA VIVO, p.10, 2014)

RESUMO

A economia circular e o *slow fashion* são ações estratégicas para se pensar a respeito da sociedade de risco, que foi consolidada na ideia de “extrair, consumir e descartar”. Estudos apontam que 136 mil toneladas de retalhos têxteis por ano são descartados em lixões no Brasil. A partir disso, o objetivo desse artigo é identificar como o *slow fashion* contribui para a economia circular. Para tal, foi realizada revisão bibliográfica, entrevista em profundidade com a fundadora da Natu, uma marca de vestuário feminino que aplica o conceito de *slow fashion*, e observações de campo acompanhando todo o processo de fabricação e de exposição dos produtos da marca e do conceito de *slow fashion* para os seus clientes. Foi possível constatar, com esse estudo de caso, que o processo do *slow fashion* possui uma participação ativa nas questões que envolvem sustentabilidade, desde o design do produto até a entrega ao consumidor final. Além disso, é reconhecida uma grande similaridade entre o processo produtivo do *slow fashion* e da economia circular, ficando evidente a importância da prática da primeira para o resultado da segunda.

Palavras-chave: Economia Circular. Consumo. Sustentabilidade. Moda Sustentável.

ABSTRACT

The circular economy and the slow fashion are strategic actions to think about the society of risk that was consolidated based on "to extract, to consume and throw away". Researches indicate that 136 thousand tons of textile flaps per year are disposed of in dumps in Brazil. From this, the objective of this article is to identify how the slow fashion contributes to the circular economy. For this, we performed a literature review, in-depth interview with the founder of Natu, one female clothing brand that applies the concept of slow fashion, and field observations following the whole manufacturing process and the exposure of the brand products and the concept of slow fashion for its customers. It was possible to verify, with this case study, that the slow fashion process has an active participation in the questions that involve sustainability, from the design of the product to the delivery to the final consumer. In addition, a great similarity is recognized between the productive process of slow fashion and the circular economy, being evident the importance of the practice of the first to the result of the second.

Keywords: Circular Economy. Consumption. Sustainable. Slow-fashion.

1 INTRODUÇÃO

Desde o início do século XV, nos movimentos comerciais na Europa o ato de consumir começou a ganhar espaço na sociedade (GODECKE; NAIME; FIGUEIREDO, 2012). No século XVIII, a Revolução Industrial resultou em grandes transformações no modo de produção, como a substituição das ferramentas pelas máquinas, a troca da energia humana em energia motriz e o modo de produção artesanal em sistema fabril, inaugurando o início de uma era marcada pela larga produção de bens, forte competitividade, disputa por novos mercados e pelo consumo exagerado (LIMA, 2010). Cronologicamente, a globalização, no século XX, trouxe uma forte integração entre culturas e mercados (GODECKE; NAIME; FIGUEIREDO, 2012). O grande resultado desses eventos foi o surgimento do modelo econômico linear, no qual os produtos manufaturados a partir de matérias-primas da natureza são vendidos, utilizados e, depois, descartados como lixo (VAN EIJK, JOUSTRA, 2017, tradução livre). Entretanto, esse modelo econômico seria insustentável em longo prazo, a acumulação de resíduos a mais da capacidade de absorção ou reciclagem da Terra e a redução gradativa dos recursos naturais, são respostas expressivas da economia linear (WWF, 2014).

Questões sobre o meio ambiente passaram a ser reconhecidas mundialmente. Em 1992, ocorreu a Conferência do Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada pela ONU, que trouxe em pauta questões relacionadas os recursos naturais e ao modelo econômico insustentável, na qual já estávamos inseridos na época (ONU, 2018). A partir dessa problematização, surge a uma nova abordagem de desenvolvimento econômico, um modelo sustentável, a economia circular (LEITÃO, 2015). De acordo com a Fundação Ellen MacArthur (2017), a economia circular busca redefinir a noção de crescimento, isto é envolve dissociar a atividade econômica do consumo de recursos finitos, e eliminar resíduos do sistema por princípio, apoiada por fontes de energia renovável. Van Eijk e Joustra (2017, p. 21), destacam que essa economia “não se limita a gerar novos empregos e modelos de negócios, mas também traz benefícios ao meio ambiente e uma nova dimensão inspiradora e não moralista para a sociedade. Temos uma situação vantajosa para todos”. No entanto, a falta de familiaridade e o medo do desconhecido significam que a ideia da economia circular demorou a ganhar força (STAHEL, 2016, tradução livre).

Diversas áreas passaram a ser afetadas com preocupações ambientais. O setor têxtil foi um deles por sua rápida velocidade de expansão, dentro do período de 1990 a 2009, a produção mundial do setor de vestuário cresceu 74% (GALLELI; SUTTER; MACLENNAN, 2016). Uma das características que define a atual indústria de vestuário são tendências de

moda de forma acelerada, conhecida por *fast fashion* (FLETCHER, 2007, tradução livre), os consumidores não estão apenas comprando, mas descartando em ritmo acelerado (POOKULANGARA; SHEPHARD, 2013, tradução livre). Da mesma forma que a economia circular surgiu alicerçada nas discussões sobre produção e consumo consciente, o movimento *slow fashion* surgiu no mercado da moda. Segundo Fletcher (2007, tradução livre), *slow fashion* é “uma abordagem diferente em que designers, compradores, varejistas e consumidores estão mais conscientes dos impactos dos produtos sobre os trabalhadores, comunidades e ecossistemas”. O movimento valoriza os recursos naturais, desafiam as empresas da moda a fazer esforço para incluir o sustentável, o ambiental e o ético em seus projetos (POOKULANGARA; SHEPHARD, 2013, tradução livre).

Visto que tanto o modelo econômico circular quanto o movimento *slow fashion* surge a partir de preocupações socioambientais e partindo do pressuposto de que ambos estão intimamente ligados, tem-se o seguinte questionamento “como o *slow fashion* contribui para a economia circular?”. Para explorar essa questão, foi estudada uma empresa localizada em Florianópolis que atua no mercado de vestuário feminino representando o movimento *slow fashion* através da produção local, técnicas de tingimentos naturais, peças produzidas manualmente; além disso, ela também possui aspectos de economia circular, pois parte de sua matéria-prima vem do refugo da indústria têxtil. Este trabalho está estruturado em 4 (quatro) partes: revisão bibliográfica acerca do modelo econômico circular e do movimento *slow fashion*, metodologia de estudo, análise sobre os dados levantados para o estudo de caso e, por último, considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ECONOMIA CIRCULAR

O ato de consumir tem origem antiga na sociedade, surgindo no século XV pelos movimentos comerciais na Europa. No século XVIII, a Revolução Industrial trouxe grandes transformações nas indústrias resultando em expressivas mudanças na sociedade, além das mudanças no sistema de produção. As antigas famílias tradicionais - focadas na produção e no trabalho – passaram a ser substituídas por famílias focadas no consumo e trouxe consigo a ideia de que a acumulação de riqueza material tem um valor fundamental (GODECKE; NAIME; FIGUEIREDO, 2012). O crescente processo de industrialização passou a ser visto como uma forma de ascensão, inclusive, mais futuramente, determinando a divisão dos países

em desenvolvidos e subdesenvolvidos (LIMA, 2010). Após a Revolução Industrial ocorreu a globalização, que iniciou na década de 1990, provocou uma abertura cultural entre os países, resultando em trocas interculturais e alteração nas culturas nativas, favorecendo a disseminação do consumo e do avanço tecnológico, conseqüentemente as distâncias se encurtaram, as fronteiras foram rompidas facilitando o comércio (GODECKE; NAIME; FIGUEIREDO, 2012; LIMA, 2010). Ao longo dos séculos, o homem consumista foi consolidando e o ato de consumir passou a representar uma forma de afirmação social (SILVA; OLIVEIRA; SILVA, 2015). Essas mudanças foram importantes para a evolução da sociedade, mas “o intenso ritmo de produção, aliado ao consumo exacerbado acarretou a depredação ambiental, de forma a comprometer a própria vida no planeta” (LIMA, 2010, p. 1686).

Ao passo que a população aumentou a demanda sobre o ecossistema cresceu também. A utilização descontrolada dos recursos naturais ocasionou em grandes impactos no meio ambiente, por exemplo, “devastação de florestas, chuvas ácidas, desertificação, aquecimento global, atmosfera poluída pela emissão de partículas tóxicas, diminuição das calotas polares” (LIMA, 2010, p. 1686). De acordo com Jacobi (1999, p. 175) “o quadro socioambiental que caracteriza as sociedades contemporâneas revela que os impactos dos humanos sobre o meio ambiente estão se tornando cada vez mais complexos, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos”.

“A sociedade moderna rompeu os ciclos da natureza: por um lado, extraímos mais e mais matérias primas, por outro, fazemos crescer montanhas de lixo. E como todo esse rejeito não retorna ao ciclo natural, transformando-se em novas matérias-primas, pode tornar-se uma perigosa fonte de contaminação para o meio ambiente ou de doenças” (BRASÍLIA, 2005, p. 114).

A partir da grave situação ambiental, o meio ambiente entrou em pauta. Essa preocupação impulsionou a sociedade a buscar soluções para evitar o esgotamento dos recursos naturais (LIMA, 2010). Em 1992, teve a Conferência Rio92 que deu origem “Agenda 21”, um plano de ação em defesa da conservação do meio ambiente (GODECKE; NAIME; FIGUEIREDO, 2012). Ele contém um programa detalhado para afastar o mundo do modelo econômico insustentável, direcionando as atividades para proteção e renovação dos recursos ambientais (ONU, 2018). Mas, afinal o que é esse modelo econômico “insustentável” contestado pela Agenda 21, em 1992? Conhecido também como tradicional é o modelo

econômico linear, baseado em retirar, fazer, consumir e descartar, segundo o Parlamento Europeu (2015, tradução livre).

Figura 1 - Modelo econômico linear



Fonte: adaptado de Parlamento Europeu (2015).

A economia linear vive da síndrome “maior, melhor, mais rápido e mais seguro”, as empresas ganham dinheiro produzindo em grande volume mercadorias baratas e atraentes (STAHEL, 2016, tradução livre). Van Eijk e Joustra (2017, p.15, tradução livre) comentam sobre o modelo linear:

“Os últimos 150 anos de evolução industrial foram dominados por um modelo de produção e consumo descartável ou linear, no qual os produtos manufaturados a partir de matérias-primas são vendidos, utilizados e, depois, descartados como lixo. Esse modelo tem sido excepcionalmente bem-sucedido em fornecer ao consumidor produtos a preços acessíveis, além de prosperidade material a bilhões de pessoas. É inviável continuarmos com a atual economia de extração-transformação-descarte”.

O modelo econômico linear funciona altamente baseado no desperdício, o que consequentemente, agride o meio ambiente. Na tentativa de diminuir o desgaste dos recursos naturais e conscientizar a população, a Agenda 21 criou a Política dos 3R's que significa, de acordo com o Ministério do Meio Ambiente (2005):

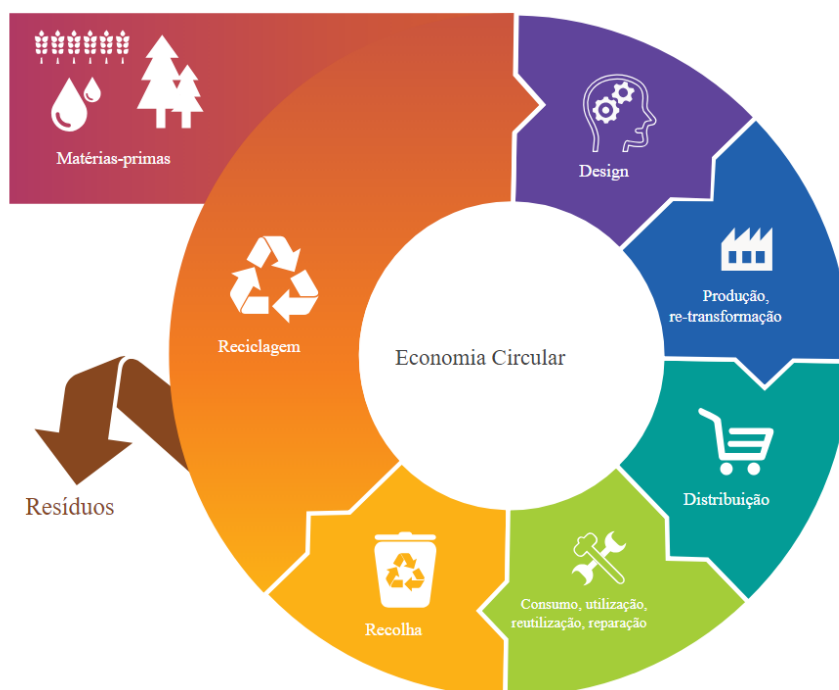
- ❖ Reduzir: consumir menos produtos e preferir aqueles que ofereçam menor potencial de geração de resíduos e tenham maior durabilidade;
- ❖ Reutilizar: utilizar novamente embalagens; e
- ❖ Reciclar: produzir matéria-prima a partir da transformação de materiais descartados para outros produtos por meio de processos industriais ou artesanais.

Diversas questões sobre o destino do planeta passaram a ser reconhecidas. Em 2015, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou a Agenda 2030 composta por 17 objetivos a serem atingidos até 2030 para tornar o mundo um lugar melhor, impactando tanto as pessoas,

erradicando a pobreza, quanto no Planeta, protegendo os recursos naturais (ONU, 2018). A Política dos 3R'S foi reafirmada na Agenda 2030, pela tamanha importância, conforme diz no Objetivo 12 “até 2030, reduzir substancialmente a geração de resíduos por meio da prevenção, redução, reciclagem e reuso” (ONU, 2018). Afinal, vivemos em um planeta limitado em recursos materiais e energéticos, espaço e capacidade de assimilar a poluição (LEITÃO, 2015).

Uma parcela da população reconheceu a importância de se preocupar com a geração dos resíduos e a depreciação da natureza. A partir disso, diversas alternativas para uma produção mais limpa começaram a ser praticadas e reconhecidas. Um modelo econômico baseado em minimizar os desgastes ambientais passou a tomar forma, nomeado de modelo econômico circular, que tem como principal objetivo fechar a “linha de produção” que o modelo econômico linear consolidou (Figura 2).

Figura 2 - Modelo econômico circular



Fonte: Parlamento Europeu (2015)

A economia circular busca uma ressignificação para o que antes era considerado um “lixo”. O resíduo no modelo linear retorna como matéria-prima de outro processo no modelo econômico circular ele, tal que o fluxo dos materiais possa ser mantido continuamente numa cadeia produtiva fechada (LEITÃO, 2015).

“A economia circular é uma alternativa atraente que busca redefinir a noção de crescimento, com foco em benefícios para toda a sociedade. Isto envolve dissociar a atividade econômica do consumo de recursos finitos, e eliminar resíduos do sistema por princípio. Apoiada por uma transição para fontes de energia renovável, o modelo circular constrói capital econômico, natural e social. Ele se baseia em três princípios: eliminar resíduos e poluição por princípio, manter produtos e materiais em ciclos de uso e regenerar sistemas naturais”. (Ellen MacArthur Foundation, 2017)

As atividades que são realizadas no modelo econômico linear ainda existem no modelo econômico circular, com exceção do descarte. No modelo circular do Parlamento Europeu (figura 5) o descarte é reinserido na cadeia produtiva através da reciclagem, mas existem diversas práticas de acordo com Ellen MacArthur Foundation [2017]:

Quadro 1 - Práticas da economia circular

1. Regenerar	<ul style="list-style-type: none"> • Mudar para energia e materiais renováveis • Recuperar, reter e restaurar a saúde dos ecossistemas • Devolver recursos biológicos recuperados à biosfera
2. Compartilhar	<ul style="list-style-type: none"> • Compartilhar ativos (p.ex.: automóveis, sala, eletrodomésticos) • Reutilizar/usar produtos de segunda mão • Prolongar a vida dos produtos por meio de manutenção, atualização, etc.
3. Otimizar	<ul style="list-style-type: none"> • Aumentar o desempenho/eficiência do produto • Remover resíduos na produção e na cadeia de suprimentos
4. Ciclar	<ul style="list-style-type: none"> • Remanufatura produtos ou componentes • Reciclar materiais • Usar digestão anaeróbica • Extrair substâncias bioquímicas dos resíduos orgânicos
5. Virtualizar	<ul style="list-style-type: none"> • Desmaterializar diretamente (p.ex.: livros, CDs, DVDs, viagens) • Desmaterializar indiretamente (p.ex.: compras online)
6. Trocar	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar novas tecnologias (p.ex.: impressão 3D) • Optar por novos produtos/serviços (p.ex.: transporte multimodal)

Fonte: Adaptado de Ellen MacArthur Foundation [2017].

Esse modelo econômico busca uma proximidade com o meio ambiente. Ele se inspira no funcionamento da própria Natureza, repensando as práticas econômicas da sociedade atual (LEITÃO, 2015; VAN EIJK, JOUSTRA, 2017). Em geral, econômico circular carrega três princípios fundamentais que são:

Quadro 2 - Princípios da Economia Circular

Princípio	Significado
Preservar e aumentar o capital natural	Escolher tecnologias e processos que utilizam recursos renováveis, sempre que possível. Controlar estoques finitos e equilibrar o fluxo de recursos naturais.
Otimizar a produção de recursos	Fazer produtos, componente e materiais de alta qualidade, prolongando a vida útil dele. Projetar ele para ser reinserido na cadeia produtiva futuramente.
Fomentar a eficácia do sistema	Reduzir os danos nos produtos e serviços que são essenciais aos seres humanos (alimentação, saúde, educação, etc).

Fonte: adaptado de Ellen MacArthur Foundation (2017).

O mais interessante é que a economia circular não se limita em trazer apenas benefícios ao meio ambiente, mas também em gerar novos empregos e novos modelos de negócios (VAN EIJK E JOUSTRA, 2017). O modelo econômico circular pode proporcionar muitas melhorias para o mundo, como cita Leitão (2015, p. 159):

“Esta nova forma de pensar as cadeias produtivas traz benefícios tanto operacionais como estratégicos, em ambos os níveis, micro e macroeconômico, incalculáveis oportunidades de inovação e *design*, ao nível de produtos, processos e modelos de negócio, criação de empregos e estimula o crescimento econômico inteligente, sustentável e integrador, com efeitos positivos sobre a saúde econômica, ecológica e social, rejeitando a ideia de que o crescimento é prejudicial para o ambiente.”.

A conscientização da sociedade sobre a economia circular é importante para que esses benefícios venham a acontecer. Trata-se de uma estratégia que quebrar os paradigmas de projetar, produzir e consumir, que foram implementados na Revolução Industrial (VAN EIJK E JOUSTRA, 2017). Estratégias de comunicação e informação são necessárias para aumentar a conscientização dos fabricantes e do público sobre sua responsabilidade pelos produtos durante toda a sua vida útil (STAHEL, 2016, tradução livre). A economia circular é sinônima de prosperidade que resulta em benefícios para o meio ambiente, economia e sociedade.

2.2 SLOW FASHION

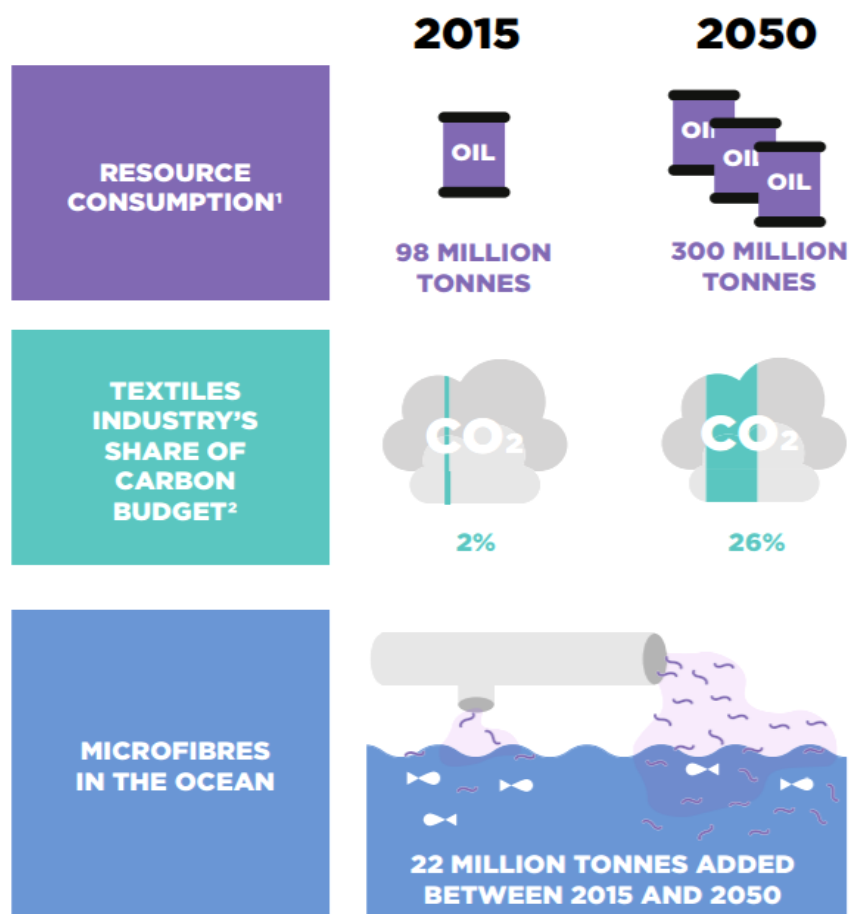
A Revolução Industrial e consequentemente a globalização trouxe grandes transformações para sociedade e na forma de consumo da mesma que refletem até hoje. A indústria têxtil, também conhecida como “indústria da moda”, pode ser caracterizada pelo crescimento exponencial resultante dessa integração de mercados que a globalização proporcionou (GALLELI; SUTTER; MACLENNAN, 2016). A rápida velocidade na moda é uma característica que define a atual indústria têxtil e de vestuário (FLETCHER, 2007, tradução livre).

Segundo Galleli, Sutter e Maclellan (2016, p.46), a produção mundial do setor da moda “cresceu 74%, ao passo que, no mesmo período, a taxa do comércio internacional de têxteis e vestuário cresceu 188%, atingindo US\$ 526,7 bilhões” entre 1990 e 2009. Esse segmento da indústria é atualmente dominado pelo *fast fashion* e pela produção *just-in-time* levando as tendências de moda de forma acelerada, o que consequentemente influencia os consumidores a comprar mais (POOKULANGARA; SHEPHARD, 2013, tradução livre). O conceito do *fast fashion* de acordo com Fletcher (2007, tradução livre) é:

“O *fast fashion* na realidade não é sobre velocidade, mas sim sobre ganância: vender mais, ganhar mais dinheiro. O tempo é apenas um dos fatores de produção, existe também, a mão de obra, o capital e os recursos naturais que são manipulados e espremidos na busca de lucros máximos. Mas o rápido não é livre. Prazos de entrega curtos e roupas baratas só são possíveis pela exploração de mão de obra e recursos naturais”.

Devido ao *fast fashion*, os consumidores não estão apenas comprando, mas também descartando em ritmo acelerado (POOKULANGARA; SHEPHARD, 2013, tradução livre). A indústria têxtil gera resíduos direta e indiretamente, o primeiro são as sobras da produção que geralmente são descartados e tratados como indesejáveis; e o segundo, é uma roupa descartada pelo consumidor desconsiderando o resto de sua vida útil (MENEGUCCI et al., 2015). Segundo estimativas do SEBRAE (2017), o Brasil produz 170 mil toneladas de retalho por ano, e que desse montante total 80% dos resíduos são descartados em lixões.

Figura 3 - Impactos negativos gerados pela indústria têxtil



Fonte: Ellen MacArthur Foundation (2017)

O relatório “*A new textiles economy: Redesigning fashion’s future*”, publicado pela Fundação Ellen MacArthur, em 2017, traz dados relacionados com a indústria têxtil: a produção duplicou nos últimos 15 anos, a indústria utiliza em média 98 mil toneladas de recursos não renováveis na produção (petróleo para produzir fibras sintéticas, fertilizantes para crescer algodão e produtos químicos para produzir, tingir e finalizar as fibras têxteis), 93 bilhões de metros cúbicos de água por ano, etc. A partir desses levantamentos de dados, foi projetado perspectiva para 2050 (Figura 3), que de acordo com Ellen MacArthur Foundation (2017, tradução livre), o consumo de recursos não renováveis na produção irá triplicar, passando de 98 toneladas para 300 toneladas; as indústrias têxteis irão liberar 24% a mais de gás carbônico para atmosfera; e 22 milhões de toneladas de microfibra têxtil serão dispostas nos oceanos.

Frente às discussões sobre sustentabilidade e a preocupação com o meio ambiente, diversas áreas começaram a ser atingidas e a indústria do vestuário foi uma delas. Segundo Galleli, Sutter e MacLennan (2016), a partir da década de 1990, a sustentabilidade começou a

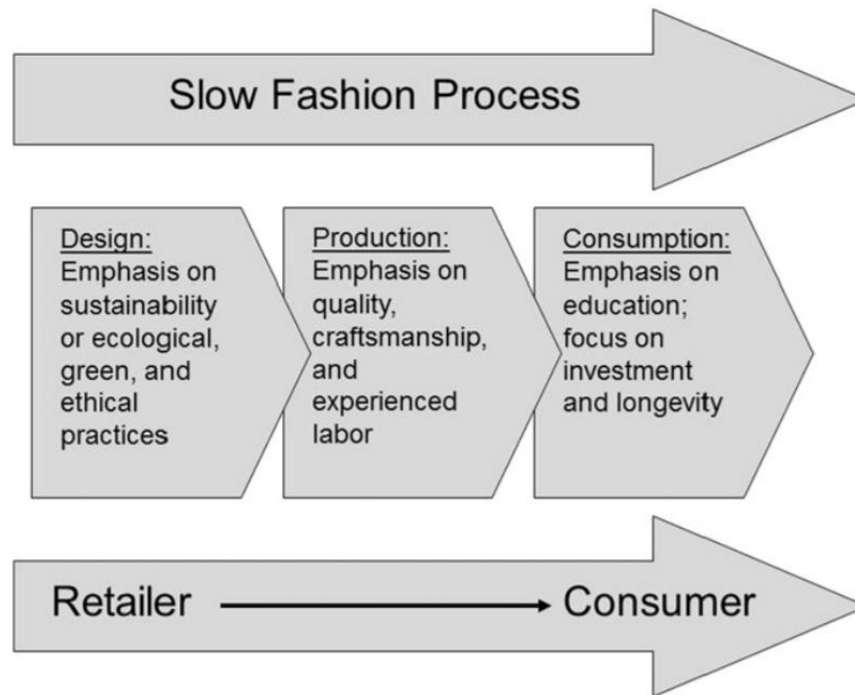
ganhar espaço na indústria da moda. Meio a essas preocupações com o meio ambiente, nasce uma nova perspectiva para a moda alicerçada na sustentabilidade, conhecida como movimento *slow fashion*. De acordo com Fletcher (2007, tradução livre) temos a definição desse movimento:

“O *slow fashion* é projetar, produzir, consumir e viver melhor. A moda lenta não é baseada no tempo, mas na qualidade (que tem alguns componentes de tempo). Lento não é o oposto de rápido - não há dualismo - mas uma abordagem diferente em que designers, compradores, varejistas e consumidores estão mais conscientes dos impactos dos produtos sobre os trabalhadores, comunidades e ecossistemas [...] é sobre escolha, informação, diversidade cultural e identidade. Criticamente, também é sobre equilíbrio. Requer uma combinação de mudança imaginativa rápida e expressão simbólica (moda), bem como durabilidade e produtos de qualidade e envolventes de longo prazo.”

O *slow fashion* é um tópico que entrou em discussão na indústria têxtil e de confecção nos últimos anos. Muitos autores acreditam que o conceito de *slow fashion* surgiu fortemente baseado no *Slow Food Movement*, que foi fundado por Carlo Petrini na Itália, em 1986 (FLETCHER, 2007, tradução livre; POOKULANGARA; SHEPHARD, 2013, tradução livre; FERRONATO; FRANZATO, 2015). Esse foi o primeiro movimento *slow* que liga o prazer e a comida com consciência e responsabilidade, defende a necessidade de informação ao consumidor e protege as identidades culturais ligadas à alimentação (Fletcher, 2007).

O movimento *slow fashion* desafia empresas de vestuário a fazer diferente do *fast fashion*. O foco passa a ser na qualidade ao invés da quantidade, essa mudança permite que os fornecedores planejem pedidos, prevejam o número de funcionários necessários e invista no longo prazo, dando tempo para construir relacionamentos mutuamente benéficos, oferecendo empregos seguros com salários justos (Fletcher, 2007, tradução livre). É um desafio para incluir o sustentável, o ambiental e práticas éticas em sua produção, selecionar métodos que enfatizam a qualidade, habilidade e trabalho experiente, e educar os consumidores para que possam desempenhar um papel ativo nas decisões sobre suas seleções de vestuário (POOKULANGARA; SHEPHARD, 2013, tradução livre).

Figura 4 - Processo do *slow fashion*



Fonte: Pookulangara e Shephard (2013)

O processo do *slow fashion* (figura 4) pode ser dividido em três importantes partes: design, produção e o consumo (POOKULANGARA; SHEPHARD, 2013). O design do produto é projetado para ser sustentável ou ecológico utilizando práticas éticas; a produção deve ser baseada na qualidade do produto e na valorização da mão de obra; e, o consumo ou o comércio deve ser abordado de forma educativa, transferindo a consciência de cada peça. Portanto, o movimento *slow fashion* se preocupa em construir um processo que seja consciente desde a idealização do produto, da produção até a entrega ao consumidor final.

Fletcher (2010, tradução livre) aborda os valores promovidos pelo *slow fashion* em seu livro “*Slow fashion: An invitation for systems change*” e alguns dele estão destacados no Quadro 3. É importante entender que o *slow fashion* é um processo que direciona a indústria têxtil e do vestuário para incorporar decisões mais conscientes em todos os níveis do complexo têxtil e do vestuário, dos retalhistas até os consumidores (POOKULANGARA; SHEPHARD, 2013, tradução livre).

Quadro 3 - Principais valores do *slow fashion*

Valor	Significado
Olhar abrangente	Reconhecer que toda escolha tem consequências tanto sociais quanto ambientais.
Reduzir o consumo	Ofertar produtos de alta qualidade e duráveis para diminuir o consumo e a extração dos recursos naturais. Qualidade ao invés de quantidade.
Diversidade	Manter a diversidade cultural, social e ambiental. Promover a moda através de várias formas: recicladores, designers tradicionais, vintage, técnicas de tingimento naturais, algodão orgânico etc.
Valorização do trabalho	Respeito e valorização dos colaboradores. Garantir os direitos deles, oferecer salários justos e ambientes de trabalho adequados.
Reconhecer a região	Utilizar materiais e recursos locais, para ajudar a promover o desenvolvimento da região.
Autoconsciência	Ter decisões que respeitem o meio ambiente e ter amor pelo que faz.

Fonte: adaptado de Fletcher (2010, tradução livre).

Como destacado nos valores (Quadro 3), percebe-se que o movimento promove uma grande preocupação tanto com o meio ambiente quanto com a valorização da mão de obra, tornando muitas vezes os produtos do *slow fashion* mais caros comparado aos do *fast fashion*. Fletcher (2007, tradução livre) destaca que os preços das roupas devem ser justos, valorizando o tempo dedicado a produção da peça, os recursos que foram investidos nela e a pessoa que se dedicou a produzir:

“Claro, a qualidade custa mais. Nós compraremos menos produtos, mas maiores em valor. [...] Os trabalhos são preservados à medida que os funcionários passam mais tempo em cada peça. O design lento permite uma interação mais rica entre designer e fabricante; fabricante e vestuário; vestuário e usuário. Um forte vínculo de relacionamentos é formado, o que permeia muito além da cadeia de fabricação de roupas.”

Muitas vezes, esse é um dos maiores desafios para quem apoia o movimento, mas possui baixo poder aquisitivo. Entretanto, já é notável um movimento crescente de que os consumidores estão buscando por mercadorias que feitas de forma que valorize o meio ambiente e/ou os trabalhadores (POOKULANGARA; SHEPHARD, 2013, tradução livre). O

slow fashion é um vislumbre de um futuro diferente - e mais sustentável - para o setor têxtil e de vestuário e uma oportunidade para que os negócios sejam feitos de uma forma que respeite os trabalhadores, o meio ambiente e os consumidores em igual medida (Fletcher, 2007, tradução livre). A disseminação desse movimento já um grande passo para chegarmos nesse “futuro diferente”.

3 METODOLOGIA

O presente artigo foi desenvolvido diante de um estudo de caso de uma empresa que atua no mercado da moda com uma proposta de consumo consciente. Gil (2002) destaca que pesquisas que utilizam do estudo de caso são predominantemente com abordagem qualitativa. Esse tipo de pesquisa não utiliza instrumento estatístico na análise dos dados, ela envolve a obtenção de dados descritivos das pessoas, processos e lugares através do contato próximo do pesquisador com o caso estudado, compreendendo os fenômenos (GODOY, 1995).

Buscando mais familiarização e proximidade dos conteúdos, caracterizando a pesquisa como exploratória (GIL, 2002), foram realizadas 1(uma) entrevista presencial com duração de 90 minutos, 1(uma) observação em um dia de trabalho acompanhando todo o processo de produção e 1(uma) observação em uma feira de exposição da marca e produtos da empresa. A coleta de dado para o estudo de caso é mais complexo comparado com as outras modalidades, pelo fato de que normalmente utiliza-se mais de uma técnica (GIL, 2002). Para esse caso foi utilizado uma entrevista de profundidade e duas observações espontâneas com foco no processo de produção e apresentação dos produtos e também com foco no comportamento e percepção dos clientes da empresa na exposição da marca e produtos da NATU em evento/feira temática. Portanto a partir dessa abordagem qualitativa, será realizada uma análise do conteúdo de dados primários e secundários obtidos da empresa e do levantamento bibliográfico, a fim de entender na prática como o *slow fashion* contribui para economia circular.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

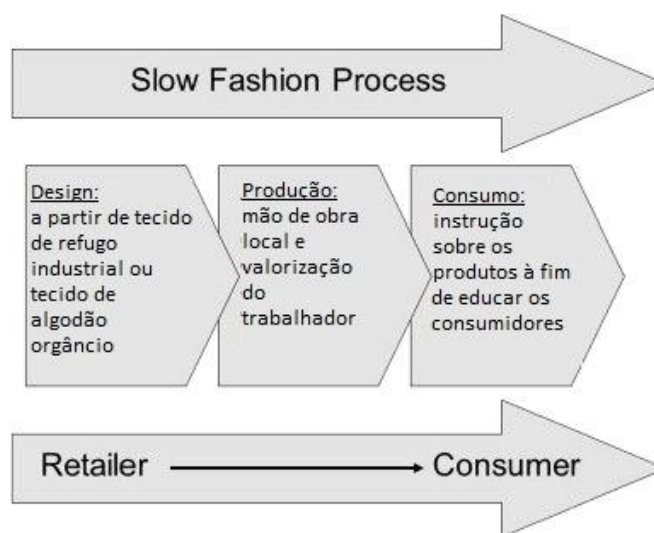
O caso escolhido para esse estudo é uma empresa do setor de vestuário, que busca por meio de uma produção sustentável, impactar de forma positiva o mundo. Localizada em Florianópolis, a marca batizada como NATU caracteriza-se como *slow fashion*. Ela foi fundada em setembro de 2017 pela Natália Fernandes, formada em designer pela Universidade Federal de Santa Catarina. Em uma entrevista concedida a Revista Catarina, ela

comenta que a “NATU é uma marca concebida a partir de inquietações relacionadas ao mundo da moda; um movimento sustentável que preza pela consciência desde a produção até a compra e pelo preço justo para deixar a moda consciente ao alcance de todos”. Desde que a marca foi lançada chamou a atenção pela proposta, o *site* da marca foi lançado em maio de 2018 e a visitas nele cresceram em 230%. Os princípios da marca são: moda sustentável ao alcance de todos, lixo zero, respeito com meio ambiente, trabalhadores e consumidores.

Inicialmente a empresa era composta apenas pela fundadora, ela cuidava de todas as áreas da empresa, porém o sucesso chegou rápido, na sua primeira coleção, no verão de 2017, a marca já estava com um público alto nas redes sociais e as poucas peças de roupas que eram produzidas esgotavam rápido. Com esse crescimento exponencial, o *marketing* da empresa foi terceirizado, portanto, atualmente a atualização das redes sociais fica por responsabilidade de terceiros. Natália cuida da parte administrativa, financeira e toda produção fica por conta dela também. Muitos aspectos se destacam na marca, tornando-a interessante para estudo: o tingimento natural em suas peças, reaproveitamento de tecidos refugados e tecidos de algodão orgânico, mão de obra local e zero descarte.

Ao longo desse período acompanhando a marca, diversos dados e informações foram coletados. A partir da concepção de Pookulangara e Shephard (2013) sobre o processo de *slow fashion*, foi identificado o processo de produção da NATU e em seguida será analisado os dados coletados das três etapas:

Figura 5 - Processo do *slow fashion* da NATU



Fonte: adaptado de Pookulangara e Shephard (2013)

4.1 DESIGN

Três características bem fortes foram reconhecidas no design da marca: sustentável, ético e ecológico. Todo processo da marca é pensado de uma forma que tenha o menor impacto sobre o meio ambiente, ela possui duas matérias-primas principais que são o tecido de refugados e o algodão orgânico. As roupas são leves e confortáveis, feitas para serem utilizadas a qualquer momento. A peça é entregue em uma embalagem que pode ser reutilizada (Figura 6), a etiqueta das peças é feita de papel com sementes de flores para serem plantadas, descartado a geração de resíduo após a venda. Todo o design da marca é baseado em cima de preocupações ambientais e sociais, desde o tecido escolhido até a forma que a peça de roupa será entregue para o cliente final.

Figura 6 - Embalagem ecológica



Fonte: Instagram@somosnatu (2018).

O tecido refugado foi sua primeira matéria-prima, Natália explica que esse tecido é “indesejável” para empresa da qual foi adquirido pois pertenceu a uma coleção antiga e agora não tem mais utilidade, e caso não seja vendido acaba sendo incinerado. Nesse processo é perceptível a prática da reciclagem da Política dos 3R’s que é “produzir matéria-prima a partir da transformação de materiais descartados para outros produtos por meio de processos industriais ou artesanais” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2005). Além disso, identifica-se uma prática da economia circular conhecida como “ciclar” que é baseado em remanufatura e reciclagem, de acordo com a Ellen MacArthur Foundation [2017].

Já a outra matéria-prima, o algodão orgânico, provém de uma causa ética e ecológica. A escolha dela é baseada na valorização de seu processo de produção, que além de ser orgânico é produzido em cooperativas brasileiras, que respeitam o ciclo de produção da fibra,

meio ambiente e os trabalhadores. Um tecido orgânico se contrapõe ao tecido sintético, que utiliza diversos recursos não renováveis na produção. A utilização do algodão orgânico no lugar dos tecidos sintéticos ajudaria a reverter os impactos negativos projetados pela Fundação Ellen MacArthur (2017).

4.2 PRODUÇÃO

Durante o processo foram identificados duas cadeias de produção, pelo fato dela possuir duas origens de matéria-prima: refugo têxtil e cooperativas brasileiras. Os tecidos adquiridos através das cooperativas de algodão orgânico é cultivado sem agrotóxicos no Ceará, fiado e tecido em Minas Gerais por pequenos agricultores. Esse tecido orgânico percorre longas distâncias para chegar em Florianópolis, onde ocorre a produção das peças, mas a marca está em busca de fornecedores mais próximos, visando reduzir a cadeia de suprimentos e seus impactos negativos.

As peças produzidas de tecido de algodão orgânico necessitam de muita dedicação e tempo. Esses chegam cru, sem cor, passam por um processo de preparação da fibra através de um banho de leite de soja, conhecido como “purga”, que precisa ser repetido 3 (três) vezes. O purga é realizada para preparar a fibra para o tingimento, após o purga o tecido descansa por uma semana depois do purga e em seguida o tecido avança para o processo de tingimento. Natália busca sempre inovar na sua produção, ela utiliza para o tingimentos das peças produtos naturais, como urucum, pinhão, *curry*, cúrcuma, flores, entre outros.

Figura 7 - Tingimento natural com cúrcuma



Fonte: Instagram @somosnatu (2018).

Algo que se destaca muito na marca é a busca pelo zero resíduo. Natália (2017) comenta na entrevista que os retalhos que sobram tornam-se embalagem das próprias peças, e

o que não é aproveitado, é doado para virar fuxico pelas mãos das artesãs locais da Ilha de Florianópolis. Durante a produção das peças de algodão orgânico é possível identificar um dos princípios da economia circular baseado em escolher tecnologias e processos que utilizam recursos renováveis, sempre que possível (Ellen MacArthur Foundation, 2007).

Já a matéria-prima adquirida a partir do refugo têxtil são tecidos sintéticos e possuem um processo mais simples comparado ao orgânico. Eles não precisam passar pela etapa de tingimento por já possuírem alguma cor ou estampa, eles vão direto para o processo de molde e em seguida a costura. Nesse ciclo produtivo fica bem evidenciada a reciclagem, onde a matéria-prima é o resíduo de outro.

4.3 CONSUMO

Na terceira etapa do processo do *slow fashion*, é o momento em que o produto é entregue ao cliente de forma educativa, transferindo à ele o valor agregado naquela peça. Para a comercialização dos produtos é realizado apenas venda online. No *site* da NATU temos um pequeno exemplo na descrição de um de seus produtos da seguinte forma: “feito de linho com toque de viscose com acabamento feito à mão, de crochê e tassel. O linho é considerado uma fibra sustentável, já que não necessita de agrotóxicos em seu cultivo e mínimo consumo de água”. Não só apenas no *site*, mas cada peça possui uma etiqueta feita em papel semente, contendo informações sobre a origem da matéria prima utilizada e sobre o processo de fabricação artesanal (Figura 8).

Figura 8 - Etiqueta de papel semente



Fonte: Instagram @somosnatu (2018).

A observação de campo na exposição da marca e produtos da NATU em evento temático trouxeram dados interessantes a respeito da percepção dos clientes em potencial. O público que visitou o evento percebeu a proposta da NATU, surpreendeu-se ao conhecer a origem da matéria prima, o processo de produção, bem como o conceito de *slow fashion* aplicado pela empresa. Os clientes se encantam com o *design* das roupas, a leveza e a singularidade de cada peça. Eles procuram saber mais sobre o conceito de *slow fashion* e, após a compreensão, o produto é ainda mais valorizado. Fato comprovado, pois o valor de cada peça da marca é acima do valor médio de mercado. Uma parcela do público que interagiu já conhecia a marca através das redes sociais. Inclusive, tiveram pessoas que foram especialmente no evento para conhecer a marca pessoalmente, essas comentaram que se sentem inseguras em relação à compra *online*. Mesmo com a insegurança, os fãs da marca não perdem a oportunidade de adquirir os produtos.

Durante a atuação da fundadora no evento, ficou claramente visível a preocupação que ela tem em transferir a consciência aplicada na produção das peças. Cada produto é vendido de forma que o cliente não adquira apenas uma peça nova para seu guarda-roupa. Mas que compre junta a causa de todas as preocupações ambientais e sociais que a marca carrega. Além disso, a marca apoia o comércio e mão de obra local comercializando bolsas feitas da palha de coco que são produzidas por artesãs em Garopaba, praia localizada a 100 km de Florianópolis.

Ao conversar com a fundadora sobre o faturamento da empresa, ela comentou que o mais importante não é o lucro, mas sim o público alvo atingido, pois ela sabe que assim consegue propagar a consciência que a marca sustenta. A tradução de “*slow*” para a língua portuguesa é lento, mas Fletcher (2007, tradução livre) destaca, o conceito não tem relação a velocidade ou tempo, mas sim a consciência concebida em toda cadeia produtiva dos tecidos e das roupas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma considerável parcela da população tem reconhecido a importância da valorização do meio ambiente e de seus recursos naturais. Entretanto, os impactos causados por um consumo exacerbado ainda são presentes e graves. Diversas práticas foram desenvolvidas para buscar reverter essa situação, não apenas práticas mas sim um novo modelo econômico conhecido como economia circular. Em virtude disso, diversas áreas da economia passaram a

repensar sobre o modo produção. No setor têxtil e vestuário foi surgiu o movimento *slow fashion* que defende o consumo consciente, através de peças produzidas com um design sustentável.

Seguindo o modelo econômico circular da Ellen MacArthur Foundation e comparando ele aos processos de produção da empresa de *slow fashion* estudada, foram identificadas diversas etapas em comum. Portanto podemos concluir que o *slow fashion* colabora para a economia circular principalmente pela prática da reciclagem, além da escolha por produtos renováveis (tingimentos naturais, algodão orgânico), pelo incentivo da reutilização (embalagem de pano) e pela busca de zero resíduo. Entretanto, o processo de recolha da economia circular foi o único não identificado dentro processo do *slow fashion*, por não se encaixar no modelo de negócio de fato.

Não podemos generalizar os resultados obtidos a partir desse estudo de caso, pois a pesquisa possui uma limitação natural por se tratar de um caso específico. Para finalizar, recomendo duas sugestões para pesquisas: estudo de outra empresa de vestuário representante do movimento *slow fashion* inserida em outro ambiente e uma análise da NATU daqui um ano para comparação com os resultados obtidos com essa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASÍLIA. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Consumo Sustentável: Manual de Educação**. Brasília, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao8.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2018.

BOURGUIGNON, Didier. Closing the loop: New circular economy package. **Brussels: European Parliament**, 2016.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **A New Textiles Economy: Redesigning fashion's future**. 2017. Disponível em: <<https://www.ellenmacarthurfoundation.org/publications/a-new-textiles-economy-redesigning-fashions-future>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **Economia circular**. 2017. Disponível em: <<https://www.ellenmacarthurfoundation.org/pt/economia-circular-1/conceito>>. Acesso em: 21 maio 2017.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **RUMO À ECONOMIA CIRCULAR: O RACIONAL DE NEGÓCIO PARA ACELERAR A TRANSIÇÃO**. 2017. Disponível em: <<https://www.ellenmacarthurfoundation.org/publications>>. Acesso em: 11 maio 2018.

FERRONATO, Priscilla Boff; FRANZATO, Carlo. Open Design e Slow Fashion para a Sustentabilidade do Sistema Moda. **Moda Palavra E-periódico**, Florianópolis, p.104-115, out. 2015. Edição Especial.

FLETCHER, Kate. **Slow fashion**. 2007. Disponível em: <<https://theecologist.org/2007/jun/01/slow-fashion>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

FLETCHER, Kate. **Slow Fashion**: an Invitation for Systems Change. *Fashion Practice*, v. 2, n. 2, p. 259-266, 2010. Disponível em: . Acesso em: 25 nov. 2010.

GALLELI, Barbara; SUTTER, Mariana Bassi; MACLENNAN, Maria Laura F.. SUSTENTABILIDADE NA MODA BRASILEIRA: OPORTUNIDADES E DESAFIOS NO MERCADO INTERNACIONAL. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, [s.l.], v. 9, n. 3, p.45-63, 4 mar. 2016. RGSA- Revista de Gestao Social e Ambiental. <http://dx.doi.org/10.24857/rgsa.v9i3.1094>.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. **São Paulo: Atlas**, 2002.

GODECKE, Marcos Vinicius; NAIME, Roberto Harb; FIGUEIREDO, João Alcione Sganderla. O CONSUMISMO E A GERAÇÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS NO BRASIL. **Elet. em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria, v. 8, p.1700-1712, out. 2012.

GODOY, Arilda Schmidt. INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 2, n. 35, p.57-63, mar. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

JACOBI, Pedro. Meio ambiente e sustentabilidade. **Revista de Desenvolvimento e Meio**, Curitiba, p.175-183, 1999.

LEITÃO, Alexandra. Economia Circular: uma nova filosofia de gestão para o séc. XXI.. **Portuguese Journal Of Finance, Management And Accounting**. Portugal, p. 149-171. set. 2015. Disponível em: <<http://u3isjournal.isvouga.pt/index.php/PJFMA>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

LIMA, Ana. Consumo e sustentabilidade: em busca de novos paradigmas numa sociedade pós-industrial. **Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI (Fortaleza/CE)**. Florianópolis: **Fundação Boiteux**, 2010.

MENEGUCCI, Franciele. Resíduos têxteis:: Análise sobre descarte e reaproveitamento nas indústrias de confecção. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** . Rio de Janeiro: Xi Congresso Nacional de Excelência em Gestão, 2015. p. 1 - 12.

NATU (Florianópolis). **NATU**. 2018. Disponível em: <<https://www.somosnatu.com.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

ONU. **A ONU e o meio ambiente**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>>. Acesso em: 15 maio 2018.

Parlamento Europeu. **Economia circular**: definição, importância e benefícios. 2015. Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/economy/20151201STO05603/economia-circular-definicao-importancia-e-beneficios>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

POOKULANGARA, Sanjukta; SHEPHARD, Arlesa. Slow fashion movement: Understanding consumer perceptions—An exploratory study. **Journal of retailing and consumer services**, v. 20, n. 2, p. 200-206, 2013.

REVISTA CATARINA. NATU: Entrelaços pelos ares e mares. Disponível em: <<http://www.revistacatarina.com.br/nat-entrelacos-pelos-ares-e-mares/>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

SEBRAE. **RETALHOS DE TECIDOS:: NO LUGAR DO DESPERDÍCIO, NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS**. [2017]. Disponível em: <<http://www.sebraemercados.com.br/retalhos-de-tecidos-no-lugar-do-desperdicio-negocios-sustentaveis/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SILVA, Edevaldo da; OLIVEIRA, Habyhabanne Maia de; SILVA, Patrícia Maria da. CONSUMISMO, OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA E A QUALIDADE DE VIDA DA SOCIEDADE MODERNA. **Revista Educação Ambiental em Ação**, Campina Grande, p.1-12, 11 set. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=2108>>. Acesso em: 19 maio 2018.

STAHEL, Walter R.. The circular economy: A new relationship with our goods and materials would save resources and energy and create local jobs, explains. **Nature**. S.i., p. 435-438. 24 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.nature.com/news/the-circular-economy-1.19594#/b1>>. Acesso em: 29 maio 2018.

VAN EIJK, Freek; JOUSTRA, Douwe Jan. Economia Circular: do conceito à transição. In: LUZ, Beatriz (Org.). **Economia Circular Holanda - Brasil**: da teoria à prática. Rio de Janeiro: --, 2017. p. 15-25.

World Wildlife Fund. **Planeta Vivo**: Relatório 2014. Suíça: WWF, 2014. 36 p. Disponível em: <http://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/sumario_executivo_planeta_vivo_2014.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2018.